

## **SAUDAÇÕES DE UM PADRINHO FORA DO LUGAR**

### **GREETINGS FROM A MISPLACED GROOMSMAN**

**Alfredo Melo<sup>1</sup>**

Hoje é um dia que celebramos um dos maiores nomes da vida cultural brasileira, na justa homenagem que a Universidade Estadual de Campinas presta ao Professor Dr. Roberto Schwarz, outorgando-lhe o título de Professor Emérito da Unicamp, após votação unânime em todas instâncias de deliberação (Departamento de Teoria Literária, Congregação do Instituto de Estudos da Linguagem e Conselho Universitário). Queria também expressar minha gratidão ao Professor Roberto pelo convite para participar dessa cerimônia como seu padrinho, o que muito me honra.

Quando soube que iria saudar o Professor Roberto Schwarz na cerimônia de outorga do título de Professor Emérito, comecei a investigar um pouco esse gênero discursivo, geralmente chamado de panegírico. Graças às inúmeras gravações de cerimônias solenes como essa, fui percebendo como funcionava o discurso de saudação. Geralmente o padrinho é um colega ou amigo ou ex-aluno que acompanhou pessoalmente a vida acadêmica do homenageado por dezenas de anos. A partir desse repertório amplo de experiências em comum, vão se extraindo causos pitorescos, inconfidências saborosas, além das anedotas que acabam por revelar novas dimensões do homenageado. Desnecessário dizer que tais parâmetros de convivência pessoal não se aplicam à nossa situação. Quando o professor Roberto Schwarz se aposentou em 1992,

---

<sup>1</sup> Professor de literatura brasileira (Unicamp/DTL). Bolsista de produtividade do CNPq: <alfmelo@gmail.com>.

eu tinha apenas 12 anos e morava lá no Nordeste. Eu só entraria no Departamento de Teoria Literária 20 anos depois da saída dele. Como o homenageado é, sem favor, um dos grandes pensadores dialéticos da contemporaneidade e, como tal, fino analista das formas literárias que viajam e se descolam dos seus pressupostos iniciais, esse discurso de saudação fora do figurino tradicional, feito por um colega desconhecido, de uma outra geração, talvez tenha algum interesse. Certamente evidencia que o reconhecimento de uma trajetória intelectual brilhante vai além do âmbito da memória dos amigos e colegas mais próximos, atuantes nos primeiros anos do departamento, e que a capacidade da sua obra para despertar reflexões e questionamentos atravessa os anos com grande vitalidade.

Não vou arriscar aqui nenhum resumo da imensa contribuição acadêmica do professor Roberto Schwarz em tantos campos do conhecimento, como o das ciências sociais e o dos estudos literários. Como não estamos num mês qualquer de um ano qualquer – mas a alguns dias do segundo turno de uma eleição decisiva<sup>2</sup> –, queria falar um pouco sobre a importância da crítica cultural radical empreendida por Roberto Schwarz, às vezes tida como excessivamente pessimista, uma verdadeira água no chope dos progressistas renitentes. E, ainda por estarmos em época de eleição, também gostaria de falar em esperança e ideais civilizatórios para a sociedade brasileira, a partir da obra de Roberto Schwarz.

Numa entrevista concedida no último ano de seu reitorado, em 1981, o professor Zeferino Vaz, fundador e primeiro reitor da Unicamp, confessou sua satisfação em ver uma universidade respeitável ter sido construída sobre um canal, símbolo do subdesenvolvimento (em suas palavras). A contraposição entre canal e universidade ajuda a estruturar a imaginação modernizadora que norteou a criação da Unicamp: de um lado, o canal, metonímia de uma economia primária que submete o Brasil aos caprichos do mercado externo; do outro lado, a universidade, com seus laboratórios e bibliotecas, vista como espaço de produção de conhecimento complexo, alavanca de um país autônomo e autossuficiente.

Temos diante de nós a descrição do desejo formativo, tão brasileiro, de superar o atraso social e acertar os nossos ponteiros com a modernidade. A busca por um horizonte viável de formação pulsa nos mais diferentes

---

<sup>2</sup> A cerimônia foi realizada no dia 20 de outubro de 2022, 10 dias antes da eleição de segundo turno daquele ano, disputada por Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva.

âmbitos: do discurso político brasileiro às conversas mais banais e ordinárias do cotidiano. “O Brasil tem jeito? O Brasil tem saída? Ah, se não fossem os portugueses...” A universidade não está apartada dessa longa história dos brasileiros no seu desejo de terem uma nação moderna. Somos partes importantes dessa história.

Ora, não há pensamento mais crítico em relação aos impasses, ilusões, armadilhas de nossos desejos formativos do que o de Roberto Schwarz, que nos obriga a redimensionar o objeto de nossos estudos. Para o crítico, não faz sentido indagar se o país-Brasil tem jeito ou é viável. Mais importante seria identificar o problema-Brasil ou a matéria brasileira, definida por ele como

[...] conjunto de relações altamente problemático, originário da Colônia, solidamente engrenado, incompatível com o padrão da nação moderna, ao mesmo tempo que é um resultado consistente da própria evolução do mundo moderno, a que serve de espelho ora desconfortável, ora grotesco, ora utópico (SCHWARZ, 2019, p. 161).

Sob essa ótica, o atraso está longe de ser um resíduo de uma velha ordem social, e o progresso não aparece como um remédio para os arcaísmos sociais, já que avanço técnico e conteúdo reacionário podem andar de mãos dadas. O exemplo maior seria a própria ditadura militar brasileira, antipopular e pró-americana, sem deixar de ser modernizadora. Não raro, o moderno constitui e repõe o atraso em países como o Brasil.

A crítica radical a esse sistema desigual e combinado é contraintuitiva e às vezes de difícil assimilação. Lembro de ter dado uma disciplina na graduação, no primeiro semestre de 2019, sobre os debates em torno do conceito de formação, na qual líamos intérpretes fundamentais do Brasil, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Antonio Candido e Roberto Schwarz. Na discussão sobre o texto “Os sete fôlegos de um livro”, os alunos ficaram devastados pelo pessimismo de Roberto. Incomodavam-se sobretudo com uma passagem do texto:

A nação não vai se formar, as suas partes vão se desligar umas das outras, o setor avançado da sociedade brasileira já se integrou à dinâmica mais moderna da ordem internacional e deixará cair o resto. Enfim, à vista da nação que não vai se integrar, o próprio processo formativo terá sido uma miragem que a bem do realismo é melhor abandonar (SCHWARZ, 1999, p. 57).

Líamos esse texto num curso do noturno, com a maioria da turma egressa de escola pública, alguns envolvidos na política estudantil, e a eles parecia

muito doloroso e desesperançoso entregar os pontos, abandonando “a miragem do processo formativo”. Os alunos queriam uma luz no fim do túnel (quem não quer uma luz no fim do túnel?). O meu grande desafio em sala de aula era o de mostrar para eles que não cabia a um intelectual que constrói uma crítica radical do mundo contemporâneo buscar soluções ou saídas para os nossos impasses nacionais. Que isso estava a cargo da política: imaginar alternativas, construir consensos para implementar ações, encorajar e convencer as pessoas, vislumbrar um futuro melhor. Que ao intelectual cabia fazer o seu trabalho de crítica radical, sem injunções políticas que buscassem dar às pessoas alguma solução pronta.

De longe, esta é a principal dificuldade que encontro quando ensino os textos de Schwarz: o modo como a nossa imaginação formativa de fato recusa os termos de sua crítica radical. Esse não é um problema novo para o crítico. Comentando sobre o grupo de professores de ciências humanas da Universidade de São Paulo que começaram a usar do instrumental marxista para analisar a história brasileira, Roberto Schwarz aponta para o que considera ser uma limitação de tal grupo: o seu nacionalismo. Para ele, “em última análise estávamos – e estamos – engajados em encontrar a solução para o país, pois *o Brasil tem que ter saída*. Ora, alguém imagina Marx escrevendo o *Capital* para salvar a Alemanha?” (SCHWARZ, 1999, p. 104). Essa crítica foi feita a uma geração de sociólogos, historiadores, economistas e filósofos que estavam imprimindo a marca da autonomia disciplinar em seus campos, longe, portanto, dos ventos impressionistas do ensaísmo, o que não impedia Schwarz de identificar também nessa geração os traços do engajamento nacionalista.

Trago essa questão para destacar a legitimidade e importância de tal crítica radical do mundo contemporâneo, a qual entra em choque com a imaginação nacionalista enraizada nas nossas práticas discursivas do cotidiano. Para usarmos a elaboração do próprio Karl Marx (2005, p. 151), a crítica radical seria aquela vai até a raiz dos problemas. E ir à raiz do problema implicava certamente deixar de vê-lo como um problema nacional que terá uma solução nacional. Digo mais: hoje essa crítica radical só tem condições de sobreviver e se manter na universidade pública e autônoma.

Como estamos em mês de eleição, para além da crítica radical empreendida por Roberto Schwarz, acho que deveríamos falar um pouco sobre sua utopia (se é que faço uso exagerado do termo). Salvo engano, acredito que é possível entrever em sua obra um ideal civilizatório de sociedade brasileira, construída pelos oprimidos. Gostaria de citar aqui a

última fala de sua peça *Rainha Lira*, lançada neste ano. A peça termina com o Rei de Brazil sendo solto do cárcere para resolver a situação caótica enfrentada pelo Reino no período em que esteve preso. Vamos à fala do Rei:

Mas preso e tudo, continuo a ser o curinga do jogo. Só eu neste país converso com todos, dos humildes aos graúdos, da esquerda à direita, dos operários aos patrões, dos brancos aos pretos, do interior às capitais, dos *gays* ao presidente dos Estados Unidos. É óbvio que, comigo trancado na cadeia, não tem negociação nacional possível. Aliás quando me fecharam aqui, foi exatamente para acabar com a negociação. Bateu neles a saudade da escravidão [...] Acharam que não deviam prestar mais contas a ninguém. Caíram na selvageria, inclusive entre eles próprios, uns contra os outros, o que não estava no programa e precisa ser sanado urgente. O naufrágio foi rápido. Na verdade verdadeira – que eles não reconhecem nem no confessionalário – quem civiliza o país são os trabalhadores, reclamando uma vida decente. Os raros momentos em que estivemos à altura foram de reivindicação (SCHWARZ, 2022, p. 120).

Parece-me que o próprio Roberto Schwarz concorda com a fala do Rei, já que escreve sobre o período que vai de 1962 a 1964 como sendo a época em que o Brasil ficou incrivelmente inteligente (SCHWARZ, 1992), exatamente por ter sido o momento histórico em que trabalhadores, camponeses e estudantes mais reivindicaram os encaminhamentos de reformas de base. Foi o momento histórico em que as grossas paredes da segregação social brasileira esmaeceram, permitindo um intercâmbio inédito de atores sociais que agora se comunicavam e aprendiam uns com os outros revolucionariamente. Os trabalhadores, camponeses e estudantes civilizavam o Brasil.

Não seria exagero dizer o mesmo de nossa universidade. Que ela também se civilizou com a demanda e reivindicação dos trabalhadores, oferecendo curso noturno para aqueles que trabalhavam durante o período diuturno? Que intercâmbios inéditos foram criados com a entrada de estudantes pretos, pardos e indígenas, tornando a universidade mais cheia de saberes e diversidade? Talvez esse, ao final, seja o norte de nossa modernização: uma universidade que queira derrubar as paredes da segregação colonial, racial e social, e se deixe civilizar pelo povo trabalhador brasileiro.

Parabéns, Prof. Roberto Schwarz! Viva a universidade pública e popular!

## REFERÊNCIAS

GOMES, Eustáquio. *O mandarim: história da infância da Unicamp*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo, 2005.

SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *Seja como for: entrevistas, retratos e documentos*. São Paulo: Duas Cidades, 2019.

SCHWARZ, Roberto. *Rainha Lira: peça teatral*. São Paulo: Editora 34, 2022.

Recebido: 21/11/2023

Aceito: 5/12/2023

Publicado: 12/12/2023